

JOGANDO COM O POLICIAL: UMA PROPOSTA DE AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO DO JOVEM LEITOR

Pablo Itaboray de Carvalho

Elza de Sá Nogueira



PROFLETRAS

Carvalho, Pablo Itaboray de.

Jogando com o policial: uma proposta de ampliação do repertório do jovem leitor / Pablo Itaboray de Carvalho – Juiz de Fora: UFJF / FALE, 2018.

xii, 145f.:il.; 2,0cm.

Orientador: Elza de Sá Nogueira

Dissertação (mestrado) – UFJF / Faculdade de Letras / Programa de Mestrado Profissional em Letras, PROFLetras/UFJF, 2018.

Referências Bibliográficas: f.113-115.

1. Repertório literário. 2Letramento literário. 3. Adaptação. 4. Jogo. 5. Narrativa policial I. NOGUEIRA, Elza de Sá *et al.*. II. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, Programa de Mestrado Profissional em Letras, PROFLetras. III Título.

FICHA TÉCNICA

Organizadores

Denise Barros Weiss

Elza de Sá Nogueira

Érika Kelmer Mathias

Lucilene Hotz Bronzato

Marco Aurélio de Sousa Mendes

Natália Sathler Sigiliano

Neusa Salim Miranda

Thais Fernandes Sampaio

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

A necessidade de se repensar a educação, como forma de alteração positiva de realidades, cria também uma exigência de se estabelecerem caminhos que reinventem o processo de formação docente. Nesse contexto, o PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras, erigido sob indução da CAPES – reúne hoje 49 (quarenta e nove) Instituições Associadas (IA) de todas as regiões do país e tem cumprido uma agenda pedagógica relevante nos processos de formação continuada de professores e, de maneira especial, na mudança de realidade da educação brasileira. Isso porque o programa tem o grande diferencial de ser voltado exclusivamente para professores de português que estão efetivamente atuando na rede pública de ensino e, além disso, tem como Trabalho de Conclusão Final (TCFs) uma proposta de natureza necessariamente interventiva.

A Universidade Federal de Juiz de Fora (Faculdade de Letras em parceria com o Colégio de Aplicação João XXIII) se constitui como uma IA nesse Programa e, buscando enfrentar o desafio de uma escola contemporânea ao século XXI, propõe uma nova coleção de Cadernos Pedagógicos Digitais, por meio dos quais são apresentados os TCFs de sua terceira turma. Na coleção aqui apresentada, cada um dos doze Cadernos descreve o trabalho interventivo desenvolvido por um professor-pesquisador, sob orientação de um docente do Programa. Cada Caderno se faz acompanhar ainda de um documento com a fundamentação teórico-metodológica adotada e a análise da proposta desenvolvida.

As propostas de intervenção apresentadas são múltiplas e envolvem diferentes aspectos dos processos de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Seja focalizando os processos de letramento literário, as estratégias de resignificação das práticas interacionais, a proposição de novas práticas para a leitura e escrita de gêneros, perpassando questões sobre análise linguística, ou mesmo a inserção de novas tecnologias digitais no ensino, todos os trabalhos procuram responder à meta do PROFLETRAS de se tornar um espaço para o desenvolvimento de pedagogias que efetivem a proficiência em letramentos dos alunos que cursam os nove anos do ensino fundamental.

Ao inovar no formato do trabalho de conclusão dos mestres que está formando, o PROFLETRAS/UFJF sinaliza duas preocupações importantes. Primeiro, desejamos que o conhecimento aqui produzido circule do modo mais fácil e democrático possível. A ambição é que, através da ampla divulgação desses trabalhos de conclusão, provoquemos mudanças não apenas na prática pedagógica dos professores que formamos, mas que as ideias aqui plantadas possam gerar mudanças também no ensino de Língua Portuguesa realizado diariamente em inúmeras salas de aula de todo o país. Ademais, a criação de um Caderno Pedagógico Digital traz ainda a economia de milhares de folhas de papel – uma boa lição a ser repassada por professores-pesquisadores da escola fundamental.

Portanto, da mesma forma como a elaboração destes trabalhos exigiu resignificação das práticas de salas de aulas reais, esperamos que este caderno ofereça a você, leitor, novos olhares e novas perspectivas para o ensino de língua portuguesa.

APRESENTAÇÃO DO PROJETO

A literatura precisa estar presente na sala de aula. Concordamos com Rildo Cosson quando afirma que, “se a presença literária é apagada da escola, se o texto literário não tem mais lugar na sala de aula, desaparecerá também o espaço da literatura como lócus de conhecimento” (COSSON, 2014, p. 15). No entanto, o que se tem percebido nas escolas é que, quando está presente, a literatura é tratada como mais um elemento a ser cobrado do aluno à exaustão. Como afirma Cosson, a obra literária é tratada na escola como mais um conteúdo de aprendizagem, à semelhança das outras disciplinas, “não faltando a prova, o resumo e outras formas de forçar a leitura e, assim, introjetar no aluno uma imagem desabonadora da literatura” (COSSON, 2014, p. 14). Falta, talvez, um trato mais atraente da literatura para que ela possa dialogar com a realidade do aluno.

Assim, nossa intenção neste caderno pedagógico é apresentar uma proposta de intervenção – sugerida para ser implementada em turmas de 9º ano do Ensino Fundamental – que alie o ensino de literatura a elementos que possam criar uma atmosfera de prazer por aquilo que esteja sendo estudado.

A partir de uma concepção de leitura segundo a qual a interpretação é construída socialmente e de evidências segundo as quais o compartilhamento influencia afetivamente e facilita cognitivamente a leitura, pesquisadores em Letramento Literário e Formação do Leitor têm proposto que sejam criadas comunidades de leitores literários nas escolas, a fim de que a leitura literária seja socializada (COSSON, 2014; PAULINO & COSSON, 2009; COLOMER, 2007). Alinhamo-nos a essas propostas. Concebemos ainda a leitura do texto literário como um processo em que o leitor interage com o texto. Segundo o teórico da literatura Wolfgang Iser (ISER, 1996), para que ocorra a comunicação entre o texto e o leitor, é preciso haver um repertório parcialmente comum aos dois. Se o repertório do texto for totalmente estranho ao leitor, ele não conseguirá se engajar no processo da leitura. Outra concepção à qual nos alhamos considera a literatura como um polissistema, heterogêneo e dinâmico, dentro do qual há conexões e influência mútua entre os diversos sistemas. Assume-se, assim, a intertextualidade como algo que ocorre no polissistema literário como um todo, e não apenas entre seus sistemas culturalmente privilegiados (EVEN-ZOHAR, 2013).

Assim, nossa proposta é introduzir os alunos na leitura do gênero policial clássico – em especial, das obras de Sir Arthur Conan Doyle – a partir da apropriação coletiva de estratégias do gênero no jogo Scotland Yard e na série televisiva Sherlock, diminuindo, assim, a distância entre o repertório do texto clássico e o repertório do jovem leitor e favorecendo a interação necessária para que a leitura se realize.

DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA

Professor, esta proposta de intervenção pedagógica tem o objetivo de inserir os alunos numa comunidade de leitores do gênero policial, favorecendo a apropriação das estratégias literárias do gênero e a ampliação de seu repertório literário. A criação da comunidade de leitores se fará a partir do jogo de tabuleiro Scotland Yard e da série televisiva Sherlock, criações contemporâneas intertextualmente relacionadas à obra de Sir Arthur Conan Doyle, criador do clássico Sherlock Holmes. Essa etapa tem o objetivo de preparar o repertório prévio dos alunos para a leitura de um romance e cinco contos de Doyle, através da qual se consolidará a aprendizagem de estratégias da narrativa policial. Como forma de avaliar se os alunos se apropriaram efetivamente das estratégias trabalhadas, propomos a elaboração de um jogo de tabuleiro similar ao Scotland Yard. Para isso, os alunos deverão adaptar cinco contos de Doyle, além de criar um tabuleiro próprio, em que sua cidade substituirá a Londres do tabuleiro original. Na proposta que apresentamos, os alunos contam com a ajuda da obra O enigma de Santo Antônio do Paraibuna, de Pablo Itaboray de Carvalho, cuja história se passa em Juiz de Fora, para construir seu tabuleiro.

[Clique abaixo para baixar a dissertação](#)

☰ SUMÁRIO

ETAPA I - pág. 6

EXIBIÇÃO E ANÁLISE DO PRIMEIRO EPISÓDIO DA SÉRIE SHERLOCK: "UM ESTUDO EM ROSA"

ETAPA II - pág. 6

PRATICANDO E ENTENDENDO O JOGO SCOTLAND YARD

1. Motivação; - pág. 7
2. Ensinando as regras; - pág. 7
3. Jogando o caso 109 do jogo Scotland Yard; - pág. 8
4. Discutindo os elementos da narrativa policial presentes no jogo; - pág. 9
5. Jogando o caso 112 do jogo Scotland Yard; - pág. 9
6. Reproduzindo o caso 112 através de um relato; - pág. 10

ETAPA III - pág. 10

LEITURA COMPARTILHADA E PROTOCOLADA DO ROMANCE "UM ESTUDO EM VERMELHO"
E A PRODUÇÃO DO DIÁRIO DE LEITURA

1. Motivação; - pág. 11
2. O diário de leitura; - pág. 12
3. Leitura compartilhada e protocolada do livro Um estudo em vermelho; - pág. 13
4. Análise de diferenças e semelhanças entre o romance Um estudo em vermelho e sua adaptação para o episódio Um estudo em rosa da série televisiva Sherlock; - pág. 17

ETAPA IV - pág. 17

LEITURA COMPARTILHADA DOS CONTOS A LIGA DOS RUIVOS, A FAIXA MALHADA, O MISTÉRIO DO VALE BOSCOMBE, O CONSTRUTOR DE NORWOOD E OS TRÊS ESTUDANTES DE ARTHUR CONAN DOYLE

1. Leitura compartilhada do conto A Liga dos ruivos de Arthur Conan Doyle; - pág. 18
2. Leitura compartilhada do conto A faixa malhada de Arthur Conan Doyle; - pág. 19
3. Leitura compartilhada do conto O mistério do Vale Boscombe de Arthur Conan Doyle; - pág. 21
4. Leitura compartilhada do conto O construtor de Norwood de Arthur Conan Doyle; - pág. 22
5. Leitura compartilhada do conto Os três estudantes de Arthur Conan Doyle; - pág. 24

ETAPA V - pág. 26

LEITURA COMPARTILHADA E PROTOCOLADA DO LIVRO O ENIGMA DE SANTO ANTÔNIO DO PARAIBUNA E A CRIAÇÃO DO JOGO DE TABULEIRO

1. Motivação; - pág. 26
2. Leitura compartilhada e protocolada do livro O Enigma de Santo Antônio do Paraibuna; - pág. 27
3. Construção de um jogo de tabuleiro baseado nos contos de Conan Doyle e situado na cidade de Juiz de Fora; - pág. 28

CONSIDERAÇÕES FINAIS - pág. 29

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - pág. 31

ETAPA I - EXIBIÇÃO E ANÁLISE DO PRIMEIRO EPISÓDIO DA SÉRIE SHERLOCK: "UM ESTUDO EM ROSA"

Para que se possam apresentar as personagens principais dos romances de Conan Doyle de forma mais efetiva, sugere-se adotar uma obra audiovisual que, certamente, atrairá a atenção dos alunos devido ao grande apelo midiático da série Sherlock. O objetivo, além de apresentar as personagens, é progredir na apropriação de estratégias narrativas do romance policial.

A série televisiva "Sherlock", produzida pela BBC de Londres, foi ao ar pela primeira vez em 2010. Estrelada pelos atores Benedict Cumberbatch (Sherlock Holmes) e Martin Freeman (Dr. Watson), a série teve enorme audiência e recebeu inúmeros prêmios e indicações, incluindo melhor ator principal, coadjuvante e fotografia no Emmy, Bafta, entre outros. O site www.imdb.com, especializado em obras audiovisuais, atribui a nota 9,1 ao primeiro episódio da série, uma das maiores, se compararmos com a de outras do mesmo gênero televisivo.

O primeiro episódio, "Um estudo em rosa", foi escrito por Steven Moffat e dirigido por Paul McGuigan. Baseado no primeiro romance escrito por Arthur Conan Doyle em que a personagem Sherlock Holmes aparece, o episódio é uma adaptação livre, que traz semelhanças e diferenças com a obra. Talvez a maior diferença seria a transposição temporal: os episódios se passam contemporaneamente e as novas tecnologias fazem parte da narrativa. O objetivo é, além de apresentar a narrativa policial aos alunos, demonstrar-lhes as possibilidades de uma adaptação e iniciar uma análise mais efetiva dos elementos presentes no gênero.

O professor deverá avisar à turma que começarão os estudos da narrativa policial e, para isso, exibirá um episódio da série Sherlock. Antes de começar a exibição, dirá aos alunos que eles receberão uma folha com algumas perguntas sobre o episódio

Clique nas imagens para baixá-las

e, para que consigam respondê-las de maneira satisfatória, devem prestar muita atenção à obra audiovisual. É importante que se faça a leitura de todas as questões ainda antes da exibição, para que possíveis dúvidas sejam sanadas.

O episódio será exibido em duas aulas, preferencialmente geminadas. Na terceira aula, já em outro dia, o professor abrirá espaço para discussão da obra a partir das perguntas feitas. O docente lerá as questões e pedirá que alguns alunos digam o que anotaram em cada uma delas. Deve-se deixar com que os alunos respondam e revelem suas impressões em relação à narrativa. O intuito é começar a perceber se os alunos conseguiram, mesmo que superficialmente, entender as estratégias utilizadas no episódio, que são pertencentes ao gênero policial.

ETAPA II - PRATICANDO E ENTENDENDO O JOGO SCOTLAND YARD

Na etapa V deste processo, os alunos vão construir seu próprio jogo de tabuleiro que envolve crimes a serem desvendados, assim, há a necessidade de que eles conheçam um jogo já existente. Dessa forma, eles terão algo em que se basear quando confeccionarem seus jogos. Como o Scotland

Yard é um jogo de tabuleiro narrativo, estaremos dando o primeiro passo para que os estudantes consigam captar as estratégias literárias do gênero policial de uma forma lúdica e divertida, introduzindo, por exemplo, as personagens e suas funções; o enredo baseado na investigação de pistas; o relato da solução; o narrador testemunha (se for o caso).

O jogo Scotland Yard, que nos EUA é conhecido como 221B Baker Street: The master detective game, foi criado por Jay Moriarty em 1975 e é produzido no Brasil pela empresa de brinquedos e jogos de tabuleiro Grow. Baseado nas histórias de Sherlock Holmes, consta de cento e vinte casos de crimes acontecidos em Londres, que deverão ser desvendados pelos jogadores através de pistas que se encontram em locais da cidade. Assim, o jogo envolve raciocínio e habilidade, afinal os jogadores precisam juntar as pistas de modo lógico para descobrirem, por exemplo, o criminoso, a arma usada no crime e o motivo.

1. Motivação

Antes de começar a jogar *Scotland Yard*, sugere-se que o professor faça as seguintes perguntas a fim de ativar os conhecimentos prévios dos alunos em relação às histórias de Sherlock Holmes, abrindo um espaço de discussão que compartilhará leituras anteriores:

- Você conhece Sherlock Holmes? Alguém já contou algo sobre ele ou você já leu ou assistiu a algum filme ou série baseados nessa personagem?
- Quem é o autor dos livros que contam as aventuras de Sherlock?
- O que Sherlock faz? Qual é a sua profissão?
- Você sabe quem narra as histórias de Holmes?
- Você conhece o assistente do detetive? Sabe o nome dele?
- Qual era a profissão de Watson?
- Alguém pode, resumidamente, contar alguma história em que essas personagens estejam

envolvidas?

- Você conhece algum jogo sobre Sherlock Holmes? Se sim, qual?

2. Ensinando as regras

Para que a atividade seja organizada e todos os alunos consigam entender o funcionamento do jogo, aconselhamos a preparação de cinco tabuleiros e a divisão da turma em cinco grupos de cinco alunos cada um.

Na primeira aula, o professor deverá explicar, uma a uma, as regras do jogo e, para que a atividade fique bem clara, simulará uma partida por meio do caso 2.

Antes da simulação, as regras, que basicamente são as seguintes, devem ser bem explicadas:

1. Existem cento e vinte casos a serem desvendados. Neste momento do processo, o professor deve dizer que o caso escolhido é o de número dois. Assim, um participante lê o caso para que todos possam ouvir. A qualquer momento do jogo, qualquer jogador pode ler novamente o

caso;

2. Cada participante escolhe um peão de uma cor que representará o seu detetive. O início do jogo se dá sempre na casa de Sherlock Holmes;

3. O jogador lança o dado. O número que sair corresponderá a quantidade de casas que ele deve mover seu peão. O jogador escolhe qual direção deve seguir;

4. Existem quatorze locais no tabuleiro. Cada local possui uma pista que está relacionada em um livro disponível no jogo. Essas pistas devem ser interpretadas pelo jogador a fim de que se descubra aquilo que é pedido na carta do caso. Pode ser, por exemplo, o assassino, o motivo, a arma ou qualquer outro elemento;

5. Cada jogador inicia o jogo com um distintivo e uma chave mestra. O distintivo serve para lacrar um local, desde que não haja outro peão dentro. A chave serve para o jogador abrir um local lacrado. Cada um desses objetos só pode ser utilizado uma vez. Entretanto, um jogador pode retirar outra chave no Chaveiro e outro distintivo na Scotland Yard;

6. A Estação de Carruagens é um local de onde os peões pode escolher qualquer destino sem ter que jogar o dado;

7. Na ponte, o jogador utiliza apenas um dos pontos tirados no dado para atravessá-la;

8. Vence o jogador que conseguir voltar para a casa de Sherlock e responder corretamente aquilo que foi pedido na carta do caso. Caso ele esteja errado, retira-se do jogo e os outros participantes continuam a partida.

3. Jogando o caso 109 do jogo Scotland Yard

Em seguida, na segunda aula, a turma será dividida em cinco grupos de cinco alunos cada um, receberão o caso 109 (que foi escolhido para essa etapa porque, além de destacar Holmes e Watson, apresenta um caso complexo com suspeitos, motivação e método do crime)

e, sozinhos, deverão jogá-lo. Para que a atividade atinja seus objetivos, todos os grupos deverão receber um jogo com tabuleiro e peças. Assim, o docente deverá circular por entre os grupos, esclarecendo as dúvidas que porventura surgirem e reexplicando as regras para aqueles que não as entenderam por completo.

4. Discutindo os elementos da narrativa policial presentes no jogo

A terceira aula será um momento de discussão. Recomendamos que o professor peça para que os alunos revelem à turma todas as pistas que encontraram. Em seguida, chamam-se os vencedores

de cada grupo para explicarem como conseguiram desvendar quem era o assassino, que arma foi usada e qual era o motivo para que o crime acontecesse. Sugerimos que se façam as seguintes perguntas:

- Quais eram as personagens desse caso? Cite suas características e sua função na história: era um suspeito, vítima, assassino?
- Conte resumidamente o enredo do caso. O que aconteceu? Quais foram as pistas? Qual foi a solução que você encontrou?
- Onde a história se passou? Quais lugares foram importantes no enredo? Por quê?
- Quais pistas encontradas por você não foram importantes para a resolução do caso? Você acha que em uma história policial essas pistas costumam aparecer?

Professor, as perguntas podem ser adaptadas de acordo com a necessidade de sua turma.

5. Jogando o caso 112 do jogo Scotland Yard

Para a culminância desta etapa, o professor utilizará uma aula para que os alunos joguem mais uma partida do jogo. O objetivo é, além de fazer com que entendam de modo mais efetivo o funcionamento do jogo de tabuleiro, dar oportunidade para que comecem a perceber com mais detalhes os elementos característicos do gênero policial. Neste momento, o caso deverá ser o de número 112 (que foi escolhido pela complexidade e estranheza que o caso gera aos jogadores).

Depois de jogarem, mais uma vez o professor fará algumas indagações aos alunos:

- Que estratégia você utilizou? Para que local você levou o seu peão primeiro? Por quê?
- Em que sequência você descobriu as pistas? O que fez com que você direcionasse seu peão nessa sequência?
- Quais as pistas que você descobriu? Como elas foram desvendadas?

- Quem era o criminoso? Como você o descobriu?
- Que arma foi usada no crime? Como você chegou a essa conclusão?
- Qual era o motivo que levou o criminoso a cometer o crime? Como você o descobriu?
- Vocês sabem o que significa o método de dedução, que é utilizado pelos detetives, inclusive por Sherlock Holmes? Lembram-se desse termo na série assistida?

Neste momento, o professor pede para que um voluntário coloque todos os fatos em ordem cronológica, ou seja, estará pedindo para que o aluno conte todo o enredo do crime, desde a motivação até o assassinato e envolvendo todas as personagens que aparecem no caso. Dessa forma, os alunos terão o primeiro contato com o gênero policial.

6. Reproduzindo o caso 112 através de um relato

O próximo passo será a produção de um relato final, escrito pelos alunos, que apresentará a solução do mistério.

Professor, obviamente não se deve esperar uma produção perfeita. A intenção aqui não é a de avaliar para se dar nota. Primeiramente, a escrita desse tipo de texto dará a oportunidade de o aluno perceber que a literatura também pode ser acessível a ele. É uma das possibilidades de se criar o gosto pela arte literária. Além do mais, essa atividade servirá como um diagnóstico. O professor irá perceber quais foram as estratégias que os alunos utilizaram para a produção do relato. Houve coerência? O vocabulário foi adequado? O aluno revelou as pistas numa sequência lógica? A solução do caso foi detalhada de maneira satisfatória? Todos esses dados serão importantes para que o professor programe suas próximas aulas, enfatizando aquilo que se mostrou deficiente na produção de texto dos alunos.

Uma aula deverá ser destinada à entrega dos textos, já corrigidos, para que os estudantes possam fazer a reescrita.

ETAPA III - LEITURA COMPARTILHADA E PROTOCOLADA DO ROMANCE "UM ESTUDO EM VERMELHO" E A PRODUÇÃO DO DIÁRIO DE LEITURA

Sugerimos aqui a leitura de "Um romance em vermelho" de autoria de Sir Arthur Conan Doyle, um romance policial publicado em 1887. O livro ficou extremamente conhecido no mundo todo, afinal é a obra em que o autor apresenta ao mundo o detetive Sherlock Holmes.

A narrativa é dividida em duas partes: na primeira, denominada *Reimpressão das memórias do dr. John Watson, ex-oficial médico do Exército britânico*, ocorre a apresentação das personagens, do mistério e a captura do assassino. Na segunda, chamada *O país dos santos*, aparece, principalmente, a motivação do assassino.

A primeira parte da história começa contando como o Doutor Watson, médico e ex-oficial do exército britânico, conheceu e foi dividir o apartamento 221B da Baker Street, em Londres, com o investigador Sherlock Holmes. Apesar de, inicialmente, estranhar as atitudes do detetive, Watson rapidamente se empolga com a inteligência e perspicácia de Sherlock e passa a ser, além de um grande admirador, seu braço direito nas investigações.

Em seguida, dois agentes da Scotland Yard, Lestrade e Gregson, pedem a ajuda de Holmes em um caso que ambos achavam enigmático: um homem havia sido encontrado morto em uma casa abandonada. Entretanto, não havia ferimentos aparentes em seu corpo, mas manchas de sangue marcavam o chão do local. A partir daí, Sherlock, utilizando do método científico e da lógica dedutiva, começa a examinar todos os detalhes que compõem o caso com sua já conhecida habilidade e, no último capítulo dessa parte, consegue atrair e capturar o assassino, o cocheiro Jefferson Hope.

A segunda parte da história é contada através de um narrador observador, com exceção dos dois últimos capítulos, quando o Dr. Watson volta a narrar suas memórias. Nessa parte é demonstrada ao leitor toda a narrativa que levou a personagem Jefferson Hope a cometer os assassinatos. Em suma, é o relato da motivação do criminoso.

1. Motivação

O professor deverá pedir aos alunos que peguem o livro “Um estudo em vermelho”. A partir daí, dará início a mais um momento de discussão: os alunos relatarão as impressões que tiveram ao se depararem com a capa do livro. Por meio do data show ou, caso seja necessário, através de cópias coloridas, o professor projetará três diferentes capas: a primeira capa utilizada para o livro, em 1887, na revista *Beeton's Christmas Annual*;

a capa da edição da Editora Zahar;

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

e a capa da Editora Melhoramentos.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

Sugerimos que os professores façam perguntas como as que seguem:

- As capas lhe provocaram alguma sensação? Quais?
- Perceba os elementos da primeira capa. Quem você acha que deve ser este homem? Como você chegou a essa conclusão?
- Nas três capas apresentadas, qual é a cor predominante? O que você acha que essa cor indica?
- Você reconhece as silhuetas dos homens da segunda capa? Quem são eles?
- Na terceira capa há uma palavra escrita. Onde ela foi grafada? Que tipo de tinta foi usada? Você conhece essa palavra? Lembra-se dela no episódio da série Sherlock? Será que, nesse livro, a palavra tem o mesmo significado da série?

Posteriormente, o professor, ainda como mediador da discussão, pergunta se os alunos conseguem, a partir do título, prever o que será narrado no romance. Aconselhamos perguntas como estas:

- O que é um estudo?
- Será que esse estudo é o mesmo que aquele que fazemos em sala de aula?
- Quem você acha que fará esse estudo?
- O que lhe vem à mente quando você lê a palavra 'vermelho'? Por que o autor deve ter escolhido essa cor para compor o título?
- A partir das análises das capas e do título, você consegue ter uma ideia sobre o que será contado? Acha que a história é exatamente a mesma do episódio da série Sherlock?

2.O diário de leitura

Sugerimos a confecção de um diário de leitura para que os alunos possam lidar de forma mais eficiente com os livros dessa sequência didática. Cada aluno, neste momento, deverá estar de posse de um pequeno caderno, exclusivo para essa atividade.

Os diários de leitura

configuram-se como artefatos disponibilizados pelo professor para os seus alunos, artefatos esses, que podem, quando apropriados pelo aluno, constituírem-se em verdadeiros instrumentos tanto para o desenvolvimento de suas capacidades de leitura quanto para a instauração de novos papéis para o professor e para os alunos nas aulas de leitura. (MACHADO, 1998)

Inicialmente, deve-se pedir aos estudantes que, sempre que forem iniciar o preenchimento do diário de leitura de um livro, devem registrar seu título, a data em que começou a leitura, o autor, o ano da publicação e a editora.

Em seguida, deve escrever todas as suas previsões, aquilo que ele acha que acontecerá na narrativa. Para isso, examinará a capa, o título e relatará aquilo que ele já conhece, se conhecer, sobre o autor e sobre o gênero.

O terceiro passo é o registro daquilo que o aluno estiver lendo. Tentar responder às seguintes perguntas pode facilitar o preenchimento do diário (deve-se alertar ao aluno que ele deve, sempre, justificar suas opiniões acerca do que registrou):

- Que sensações o trecho que você leu lhe causou?
- Você consegue fazer alguma relação entre o texto que está lendo com outro livro, filme ou série? Em que eles se assemelham?
- O livro está contribuindo para que você aprenda sobre alguma coisa? O quê?

- Qual está sendo sua impressão em relação ao texto? Está gostando? Tem vontade de continuar? Por quê?
- Existe algo que esteja atrapalhando o entendimento da leitura, como o vocabulário, enredo truncado, excesso ou falta de descrições?

Depois da leitura integral do texto, o aluno deve registrar os seguintes aspectos:

- Você indicaria o livro a alguém? Por quê?
- Há algo que, caso você fosse o autor, mudaria na narrativa? O quê? Por que você faria tais mudanças?
- Você sentiu vontade de ler mais livros do mesmo gênero textual?

Deve-se, também, pedir para que os alunos registrem as discussões que forem feitas durante as leituras compartilhadas. Como estarão de posse do diário durante as leituras, será importante que o professor peça aos alunos que preencham esses momentos de debate e comentários em relação à obra em estudo.

3. Leitura compartilhada e protocolada do livro *Um estudo em vermelho*

Durante a leitura do livro, segundo Solé (1998), é necessário que o professor intercale leituras compartilhadas e protocoladas. Quando compartilhada, a leitura e a discussão sobre o texto podem fornecer dados valiosíssimos ao professor para que ele conheça as necessidades dos alunos e que tipos de inferências eles conseguem ou não fazer. Esse procedimento pode servir como “termômetro” durante o processo, ou seja, pode-se perceber as dificuldades que os alunos apresentam e, assim, reprogramar as próximas aulas, adaptando-as para que os problemas, agora detectados, sejam sanados. Segundo Colomer (2007): “Ler é uma aprendizagem social e afetiva e a leitura compartilhada é a base da formação de leitores, que devem compartilhar entusiasmo, construção de significado e conexões entre textos e obras”.

Os comentários compartilhados dos capítulos fazem-se necessários para que o professor possa

identificar algum ruído que tenha atrapalhado o entendimento do texto. É a hora de esclarecer as dúvidas que por eventualidade apareçam. Deve-se evitar a explicação sem um exercício de reflexão, de “luta” para se entender aquilo que foi lido. Entregar o significado textual ao aluno é torná-lo passivo no processo de leitura. Esse é o momento das perguntas pertinentes que irão detectar o grau de entendimento textual por parte dos discentes.

Nas pausas para discussão do texto, deve-se pedir que o aluno faça os devidos registros em seu diário, além de explicitar se suas previsões foram corretas, se realmente o que aconteceu foi o que ele imaginou. Caso contrário, quais foram as diferenças? O que aconteceu que ele não imaginava? Segundo Solé (1998), a utilização dessas estratégias demonstra a diferença entre mostrar conhecimento e transformá-lo. Ao se aprender a partir do texto, a novidade supõe mudança do conhecimento prévio, funcionando como um instrumento de aprendizagem.

Ademais, será entregue ao aluno uma ficha de leitura

[Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la](#)

que deverá ser devolvida ao professor ao fim de todo o processo de leitura do livro “Um estudo em vermelho”. Sugerimos que essa ficha seja preenchida de modo coletivo. O professor dividirá a turma em cinco grupos de cinco alunos cada um e, a partir de uma análise em conjunto e das anotações que cada um fez em seu diário de leitura, os discentes teriam maior capacidade para preencher, de modo satisfatório, o instrumento.

O professor deverá iniciar a leitura do primeiro capítulo do livro em estudo, denominado O Sr. Sherlock Holmes, quando o narrador nos apresenta o famoso detetive, assim como a ele mesmo. Para isso, pedirá que vários alunos alternem a leitura, dando oportunidade para que o maior número possível de discentes possa, em algum momento, ler em voz alta. Sugerimos que o professor, como mediador, faça as interferências necessárias ao longo da leitura para que haja momentos de discussão sobre o enredo e as personagens. Por exemplo, ao lerem o seguinte trecho, quando Watson acaba de ser apresentado a Sherlock Holmes:

— Como vai? — disse ele cordialmente, apertando-me a mão com uma força de que não o julgaria capaz.
— Vejo que andou pelo Afeganistão.
— Como sabe? — perguntei-lhe, atônito.
— Isso não vem ao caso — disse com um risinho. (DOYLE, 2016, p. 15)

o professor pode interromper e fazer os seguintes questionamentos à turma:

- Como Sherlock sabia da ida de Watson ao Afeganistão?
- Havia alguma pista que fez com que ele descobrisse isso?
- Você acha que realmente foi uma descoberta ou Holmes já sabia dessa informação antes de falar com Watson?

Dando sequência, o professor continuará a leitura, agora do segundo capítulo, chamado “A ciência da dedução”. Neste momento do enredo, Watson, após pegar uma revista que estava ao seu alcance enquanto tomava café da manhã com Sherlock, lê o seguinte trecho de um artigo intitulado “O livro da vida”:

“A partir de uma gota de água”, afirmava o autor, “um pensador lógico poderia inferir a possibilidade de um Atlântico ou de um Niágara, sem ter visto ou ouvido um ou outro. Assim, toda a vida é uma grande cadeia cuja natureza se revela ao examinarmos qualquer dos elos que a compõem. Como todas as outras artes, a ciência da dedução e análise só pode ser adquirida por meio de um demorado e paciente estudo, e a vida não é tão longa que permita a um mortal aperfeiçoar-se ao máximo nesse campo. Antes de passar aos aspectos morais e mentais de um assunto que apresenta as maiores dificuldades, o pesquisador deve começar pelo domínio dos problemas mais elementares. Ao encontrar um semelhante, deve aprender a distinguir imediatamente qual a história do homem e o mister ou profissão que exerce. Por mais pueril que esse exercício possa parecer, aguça as faculdades de observação e ensina para onde se deve olhar e o que procurar. Pelas unhas de um homem, pela manga do seu casaco, pelos seus sapatos, pelas joelheiras nas calças, pelas calosidades de seu indicador e de seu polegar, pela sua expressão, pelos punhos da camisa... em cada uma dessas coisas a profissão de um homem é claramente indicada. Que o conjunto delas deixe de esclarecer um indagador competente, em qualquer caso, é virtualmente inconcebível.

— Quanto disparate! — exclamei, batendo com a revista na mesa. — Nunca li tamanha tolice em toda a minha vida. (DOYLE, 2016, p. 24)

Neste momento sugere-se a seguinte discussão, através das perguntas que seguem:

- Segundo o artigo lido por Dr. Watson, por onde o pesquisador deve começar para entender aquilo que tenta descobrir?
- Você concorda com o autor do artigo ou, como Watson, acha tudo uma grande bobagem? Por quê?
- Vamos reler o que Holmes respondeu a Watson para que possamos entender mais um pouco o seu método:

Como vê, disponho de conhecimentos especiais que aplico aos problemas surgidos, conhecimentos que facilitam maravilhosamente a minha tarefa. Essas regras de dedução expostas no artigo que provocou o seu desprezo são-me preciosas, e eu as aplico praticamente no meu trabalho. (DOYLE, 2016, p. 26)

Outro trecho que pode ser comentado no romance é quando o Dr. Watson compara o ofício de Sherlock Holmes ao da personagem Auguste Dupin, considerado o primeiro detetive da história do romance policial. Neste momento, cabe ao professor apresentar a personagem à turma e perguntar por que Holmes não apreciou a comparação. Segue o trecho ao qual nos referimos:

— Explicada dessa forma, a coisa parece bastante simples — disse eu, sorrindo. — Você me faz lembrar Dupin, de Edgar Allan Poe. Não fazia a menor ideia de que tais pessoas existissem na vida real. Sherlock Holmes levantou-se e acendeu o seu cachimbo.

— Julga, sem dúvida, fazer-me um cumprimento comparando-me a Dupin — observou. — Pois, na minha opinião, Dupin era um tipo medíocre. Aquele seu estratagema de intervir nos pensamentos do seu amigo, depois de um quarto de hora de silêncio, é pretensioso e superficial. Concedo-lhe, sem dúvida, certa capacidade analítica, mas não era de modo nenhum o fenômeno que Poe parecia imaginar. (Doyle, 2016, p. 27)

O terceiro capítulo da primeira parte do livro, “O mistério de Lauriston Garden”, é aquele que apresenta o enigma a ser desvendado. Assim, é importante que ele seja lido com os alunos para que eles comecem a perceber as estratégias literárias presentes neste romance policial, principalmente como as pistas aparecem em cada capítulo. Para isso, o professor entregará uma ficha para preenchimento das pistas.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

No início do capítulo, Sherlock Holmes recebe uma carta enviada pelo inspetor da Scotland Yard, Tobias Gregson, revelando as primeiras pistas sobre o caso:

Esta noite aconteceu um fato grave no número 3 de Lauriston Gardens, nas proximidades da Brixton Road. O nosso guarda, cerca das duas da madrugada, viu ali uma luz e, como a casa está desabitada, suspeitou que houvesse algo de anormal. Encontrou a porta aberta e, na sala da frente, inteiramente vazia, topou com o cadáver de um homem bem-vestido, cujos cartões de visita, encontrados num dos bolsos, traziam o nome de ‘Enoch J. Drebber, Cleveland, Ohio, EUA’. Não houve roubo, e não há nenhum indício da maneira como o homem encontrou a morte. Há sinais de sangue na sala, mas o cadáver não apresenta nenhum ferimento. Não podemos compreender como foi parar naquela casa vazia; em suma, todo o assunto é um verdadeiro enigma. Se o amigo puder dar um pulo à casa de Lauriston Gardens antes das doze horas, lá me encontrará. Deixei tudo tal e qual foi encontrado, à espera da sua chegada. Se não puder vir, mandar-lhe-ei todos os pormenores, e ficarei imensamente grato se quiser favorecer-me com a sua opinião. Cordialmente, Tobias Gregson”. (DOYLE, 2016, p. 30)

É necessário que o professor faça as seguintes indagações para que se incentivem os comentários dos alunos:

- O caso começa neste exato momento. Prestem atenção nas primeiras pistas que aparecem. Quais são elas?
- É possível formular alguma hipótese, já de início, para o que possa ter acontecido em Lauriston Gardens? Se sim, o que você formulou?
- O que você acha que Sherlock Holmes irá fazer a partir de agora?
- Registre as pistas na ficha que você recebeu.

Ao longo da leitura do capítulo, deve-se continuar mostrando aos alunos todas as pistas que aparecem, pedindo a eles que registrem na ficha recebida, por exemplo, a aliança que foi encontrada junto ao corpo, a palavra RACHE escrita com sangue na parede do local do crime (deve-se lembrar, nesse momento, uma das capas analisadas na motivação).

Agora é a hora de uma leitura mais autônoma, mas que irá gerar outras discussões. O professor pedirá aos alunos que leiam os capítulos quatro, cinco, seis e sete em casa. Além disso, deve orientar

que a ficha de pistas e o diário de leitura devem continuar a serem preenchidos devidamente.

Na próxima aula, sugerimos que o professor pergunte, para que se iniciem as discussões:

- Quais foram as impressões que vocês tiveram em relação ao resto da parte 1 do romance?
- Você se sentiu entusiasmado durante a leitura?
- No capítulo 4, o que John Rance, o policial que fazia a ronda na noite do crime, contou a Sherlock Holmes? O que ele contou fez diferença na investigação?
- Por que Sherlock disse o seguinte ao se referir a John Rance?

— Que grande imbecil! — exclamou Holmes severamente, quando voltávamos para casa. — Pensar que teve uma sorte incrível e não soube aproveitá-la! (DOYLE, 2016, p. 46)

- No capítulo 6, o inspetor Gregson acreditava que havia solucionado o caso. Que técnica ele usou para encontrar a solução? Você achou sua investigação precisa? Quais as diferenças entre o método de Gregson e o de Holmes?
- Ao final do capítulo 6, ocorreu um fato que desmontou toda a teoria de Gregson. Que fato foi esse? Por que esse fato comprovaria que o inspetor não havia encontrado o verdadeiro assassino?
- O capítulo 7 nos revela o verdadeiro assassino. Quem é ele? Você entendeu como Sherlock Holmes descobriu sua identidade? O enredo ainda precisa de explicações plausíveis? Você tem alguma teoria para explicar o que aconteceu?

Ao fim da discussão, é essencial que o professor dê início à leitura compartilhada. Nesse caso será importante mostrar aos alunos que no começo da parte 2 do livro há uma mudança do foco narrativo. É necessário que, inicialmente, deixe-se que os alunos percebam isso sozinhos. Caso isso não aconteça, o professor pode induzi-los a chegarem a essa conclusão através de perguntas simples, como: “Parece que ainda é o dr. Watson quem conta a história? Por quê?”.

O narrador passou a ser observador. Essa voz nos conta a história de homens e mulheres

mórmons que fundaram a cidade de Salt Lake City, no estado de Utah, EUA. É importante nesse momento que o professor funcione como um mediador de leitura, explicando elementos que possam não fazer parte do repertório do aluno. Deve, por exemplo, explicitar o estado de Utah com a ajuda de um mapa. Deve explicar também quem são os mórmons, no que eles acreditavam. Dessa forma, esses elementos que, possivelmente, são desconhecidos pelos alunos, passam a fazer sentido na leitura da obra.

Ao final do primeiro capítulo, o professor deve fazer os seguintes questionamentos:

- Você consegue perceber a relação entre a história que foi contada nesse capítulo com a narrativa da primeira parte do livro?
- O que você acha que vai acontecer? Como as duas histórias se entrelaçarão?
- Faça os devidos registros no seu diário de leitura.

Ao final da aula, deve-se pedir que os alunos façam a leitura dos capítulos dois, três, quatro e cinco da segunda parte do livro para o próximo encontro. Esses capítulos contam a história do assassino, Jefferson Hope. Relata quais foram os motivos pelos quais ele cometeu os dois assassinatos. O interessante é perceber que, nessa parte do livro, há uma humanização do criminoso. Entende-se o que está por trás de seus atos. Descobrimos que seu futuro sogro foi assassinado por mórmons e sua noiva fora raptada e depois definhou até a morte por ter sido obrigada a se casar com um dos homens que posteriormente foi assassinado por Hope.

Desse modo, sugerimos que se façam as seguintes perguntas:

- Quais foram os motivos pelos quais Jefferson Hope resolveu matar Drebber e Stangerson?
- Você acha que os motivos foram banais ou fortes o suficiente para que Hope praticasse tais atos?
- Coloque-se no lugar de Jefferson Hope. O que você faria?
- O fato de Hope ter escolhido a profissão de cocheiro tem uma grande importância na sua trama para assassinar Drebber. Que importância é essa?

Antes da leitura dos capítulos seis e sete, o professor deve pedir que os alunos estudem todas as pistas anotadas na ficha que receberam e, agora que sabem o motivo, tentem escrever em seu diário de leitura como as pistas podem se entrelaçar, formando a história que Sherlock desvendou. Em seguida, pede para que alguns alunos voluntários leiam as hipóteses que formularam.

A leitura dos capítulos seis e sete, que finalizam o livro, também deve ser feita de modo compartilhado, afinal nesses capítulos toda a história será revelada e contada com detalhes pelo assassino. E, logo depois, Holmes explica como juntou todas as peças do “quebra-cabeça” para descobrir quem era o criminoso. Agora tudo se encaixa, todas as pistas apresentadas ao longo da parte 1 do livro se juntam e, com a descrição de Sherlock, mostra-se como se deu toda a trama.

Ao final da leitura, pergunta-se se algum aluno havia descoberto a verdadeira história ou se alguém se aproximou, mesmo que de forma superficial.

3. Análise de diferenças e semelhanças entre o romance *Um estudo em vermelho* e sua adaptação para o episódio *Um estudo em rosa* da série televisiva *Sherlock*.

Após todo o trabalho feito com o romance *Um estudo em vermelho*, o professor deverá pedir aos alunos que respondam a um questionário.

IMAGEM 10

Questionário de comparação entre o episódio “Um estudo em rosa” da série “Sherlock” e o romance escrito por Arthur Conan Doyle, “Um estudo em vermelho”.

1. O que você achou da adaptação do romance para a série? Que impressões você teve em relação à obra audiovisual? Você acha que ela foi fiel ao livro ou foi elaborada de maneira mais aberta, mais livre? Qual a sua opinião em relação a isso?

2. O Sherlock Holmes da série se parece física e psicologicamente com o que você imaginou após ler o romance? Quais são as semelhanças e as diferenças?

3. E o Dr. Watson? Cite também as semelhanças e diferenças entre a personagem da série e do livro.

4. Enumere as principais semelhanças e diferenças que você percebeu entre a série e o livro no que se refere ao enredo. Pense nas pistas, no assassino, nas vítimas, e, principalmente, no que se refere à tecnologia do século XVIII (Um estudo em Vermelho) e do século XXI (Um estudo em rosa).

Diferenças		Semelhanças	
Livro	Série	Livro	Série

5. Qual das duas histórias você mais apreciou? Por quê?

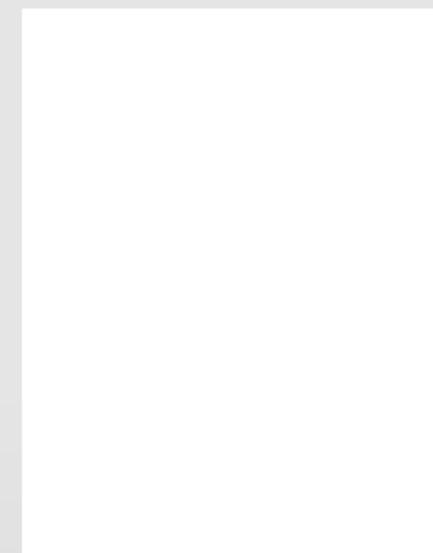
Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

Com ele, o professor perceberá se os discentes compreenderam as correspondências ou a falta delas entre a obra de Conan Doyle e o episódio da série *Sherlock* e saberá que impressões eles tiveram em relação às duas obras. Tal questionário, mais uma vez, será preenchido coletivamente. Deve-se separar a turma em cinco grupos de cinco alunos. Ao final, cada grupo terá a tarefa de explicar uma das questões dos exercícios e, em conjunto, a turma reescreverá as respostas da maneira mais completa possível.

ETAPA IV - LEITURA COMPARTILHADA DOS CONTOS A LIGA DOS RUIVOS, A FAIXA MALHADA, O MISTÉRIO DO VALE BOSCOMBE, O CONSTRUTOR DE NORWOOD E OS TRÊS ESTUDANTES, DE ARTHUR CONAN DOYLE

Os contos que serão lidos e analisados nesta etapa serão aqueles que se tornarão os casos montados pelos alunos no jogo que construirão no próximo passo. O professor deverá dar essa informação aos alunos para que eles saibam o porquê dessas leituras.

Dessa maneira, é importante que os alunos percebam alguns elementos essenciais para que consigam montar, subsequentemente (Etapa V), os casos para serem jogados. Por isso, para que se organizem, é interessante que preencham, de maneira dedicada, uma ficha para cada conto lido.



Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

Esse preenchimento ficará a cargo do aluno.

Destacamos que o diário de leitura deverá continuar sendo usado, desta vez, de uma forma mais independente. Sugerimos que o aluno lide com ele da maneira mais individual possível para que consiga criar autoria e autonomia em relação ao instrumento.

1. Leitura compartilhada do conto *A Liga dos ruivos* de Arthur Conan Doyle

Antes de começar a leitura, deve-se informar aos alunos que este conto foi lançado no livro “As aventuras de Sherlock Holmes” em 1892.

Para que se crie expectativa em relação ao que será lido, é importante que se pergunte aos alunos o que esperam que aconteça no enredo a partir do título do conto. “Que liga será essa? Qual é a sua finalidade? Por que uma liga que possui apenas ruivos?” Depois das respostas, os alunos devem registrar essas suposições em seus diários de leitura, onde já deverá constar o título e o autor do texto em questão.

Em seguida, alguns alunos deverão intercalar a leitura em voz alta. O professor fará as devidas intervenções a seguir.

Logo após a leitura das primeiras frases do primeiro parágrafo: “Fui visitar meu amigo Sr. Sherlock Holmes num dia de outono no ano passado, e encontrei-o em conversa animada com um senhor idoso muito gordo, de rosto corado e cabelos cor-de-fogo” (DOYLE, 2016, p. 272), o professor deve fazer uma breve interrupção para iniciar uma discussão sobre o narrador:

- Logo de início, já conseguimos perceber quem narra essa história? Quem você imagina que seja? Como você chegou a essa conclusão?

Na continuação, confirma-se o narrador: “- Não poderia ter vindo em hora melhor, meu caro Watson - disse cordialmente” (DOYLE, 2016, p. 272). Nesse momento, sugerimos as seguintes perguntas:

- Suas expectativas se confirmaram? Conseguiram perceber que Watson é o narrador recorrente

nas histórias de Sherlock? Será que existe alguma história de Holmes cujo narrador não seja o médico John Watson (neste momento é interessante que o professor revele que em alguns poucos contos, Sherlock Holmes narrou algumas de suas aventuras)? Pela experiência que tivemos com a leitura do livro “Um estudo em vermelho”, o narrador será o protagonista?

Em seguida, o professor deve pedir atenção a uma série de deduções que o detetive faz sobre o Sr. Wilson, o comerciante que foi pedir ajuda ao detetive, seguidas de suas explicações. Deve-se, então, perguntar aos discentes:

- Como Sherlock faz suas deduções? Apesar de parecerem óbvias, será que conseguiríamos fazer a mesma coisa que o detetive? Watson conseguiu?

Continuando a leitura, é importante que se peça para que os alunos preencham a ficha que foi entregue antes da leitura. Por exemplo, quando o Sr. Wilson relata que foi seu assistente que o apresentou à Liga Ruiva, os alunos, se acharem que essa personagem possa ser um suspeito, devem marcar no espaço correspondente da ficha. Caso não suspeitem, devem ter a liberdade de não marcarem. Entretanto, ao final da leitura, podem retomar o preenchimento a fim de perceberem os equívocos que porventura cometeram e, assim, corrigi-los.

Após a explicação do cliente de Holmes sobre como foi contratado pela Liga dos Ruivos para apenas copiar uma Enciclopédia e, depois de alguns dias, receber o recado de que a liga havia sido extinta, pergunta-se o seguinte aos alunos:

- Até este ponto do conto, conseguimos entender a função dessa liga? O caso está óbvio ou é complicado de decifrar? O que você acha que acontecerá a seguir?

Holmes, após aceitar o caso, vai até a loja do Sr. Wilson para conversar com seu assistente, Vincent Spaulding. Segue o trecho que sucede esse acontecimento:

— Rapaz vivo, aquele — observou Holmes quando saímos. — A meu ver, é a quarta pessoa mais esperta de Londres, e pela sua ousadia talvez mereça o terceiro lugar. Já sei alguma coisa a seu respeito.

— Claro que é o ajudante do sr. Wilson, e tem grande importância nesse mistério da Liga dos Cabeças Vermelhas. Tenho certeza de que você pediu a informação apenas para que pudesse vê-lo.

— Não a ele.

— Então o quê?

— Os joelhos das calças dele.

— E o que foi que você viu?

— O que esperava ver.

— Por que bateu na calçada?

— Meu caro doutor, é hora de observação, não de prosa. Somos espiões na terra do inimigo. Já conhecemos a Saxe-Coburg Square, vamos agora explorar as ruas que ficam por trás dela. (DOYLE, 2014, p. 284)

Neste momento é importante chamar a atenção dos alunos para dois fatos importantes na sequência da história: a calça do assistente e o fato de Sherlock ter batido com a bengala três vezes na calçada. Sugerimos as seguintes perguntas:

- Watson não entendeu o motivo de Holmes se ater a esses dois fatos. E vocês? Entenderam? Acham que isso tem importância para o desenrolar da narrativa? O que vocês supõem? Mais uma vez podemos perceber a diferença de comportamento diante dos fatos em relação ao detetive e o médico. Como vocês os diferenciariam?

O professor enfatizará o seguinte ponto da história para que os alunos percebam, mais uma vez, a diferença do poder de observação das duas personagens:

Espero não ser menos inteligente que os demais homens, porém, fiquei oprimido com a consciência da minha própria insensatez em comparação com Sherlock Holmes. Tinha ouvido e visto o mesmo que ele, e pelas suas palavras era evidente que ele sabia não só o que acontecera, mas até o que ia acontecer, ao passo que para mim tudo era apenas confusão. (DOYLE, 2016, p. 286)

Ao final do conto, Sherlock consegue desvendar o mistério e prende o criminoso. O plano era utilizar a loja do Sr. Wilson, que ficava perto de um banco, para que um túnel subterrâneo fosse cavado enquanto o proprietário estivesse copiando a enciclopédia na liga dos ruivos. Holmes, acompanhado de Watson, Peter Jones da Scotland Yard e o dono do banco, armam uma emboscada e prendem John Clay, um “assassino, ladrão, arrombador e falsário” (Doyle, 2016). Nesse momento, cabe ao professor perguntar aos alunos se houve algo em comum no que concerne ao que previram e o que realmente aconteceu na história. Em seguida, pede que os alunos acabem de preencher a ficha e verifica, pedindo que alguns alunos respondam o que escreveram, se houve o entendimento da narrativa e se todos os elementos do gênero policial foram devidamente percebidos.

Para que haja um aprofundamento e, até mesmo, maior fruição no prosseguimento dos estudos relativos a Sherlock Holmes, é interessante que o professor exiba o episódio “A liga dos Cabeças Vermelhas”, o quinto episódio da segunda temporada da série “Sherlock Holmes” (1984-1994), produzida pela *Granada Television*. Tal episódio é bastante literal em sua adaptação, o que faz com que esse seja um momento para que os estudantes compreendam aquilo que tenha passado despercebido durante a leitura ou para compreenderem melhor o enredo.

2. Leitura compartilhada do conto *A faixa malhada* de Arthur Conan Doyle

Para que se motivem antes da leitura desse conto, os alunos dirão o que entendem por “faixa malhada”. A partir daí, mais um vez, farão previsões sobre o que pode acontecer durante a narrativa. A expectativa é que eles não acertem, muito menos se aproximem, o que acontece na história, pelo fato de que o título não revela explicitamente do que será tratado.

Depois da leitura da descrição feita por Helen Stoner, a mulher que procurou Sherlock para

que ele resolvesse o caso, o professor deve pedir a atenção dos alunos e fazer com que respondam às seguintes questões:

- O que vocês perceberam até agora sobre o caso?
- Será que conseguimos fazer alguma previsão do que acontecerá?
- Como será que a irmã de Helen morreu?
- Será que ela foi assassinada?
- O que ela quis dizer com a faixa malhada?
- Pela descrição que Helen fez do caso e, principalmente, da casa em que mora, quais as pistas você acha que Sherlock Holmes vai levar em consideração? Vamos anotá-las na ficha que você recebeu?

Prosseguindo a leitura, chegamos ao momento em que Holmes e Watson chegam à casa da família. A descrição do corredor, dos quartos e da disposição dos objetos que se encontram em um deles é de imensa importância para o entendimento do desfecho.

Alguns andaimes se erguiam contra as paredes dos fundos, onde havia uma abertura, mas sem o menor sinal de pedreiros que trabalhassem à hora da nossa visita. Holmes andou de cima para baixo no relvado e examinou com muita atenção as janelas do lado de fora.

— Esta, presumo, pertence ao quarto que a senhora ocupava, o do centro era de sua irmã e o ligado ao edifício principal é o do dr. Roylott.

— Exatamente, mas agora durmo no quarto do meio.

— Por causa das reformas. Mas não vejo assim tanta necessidade de reparação naquele lado da parede.

— Nem havia, e acredito que foi uma desculpa para me obrigar a mudar de quarto.

— Ah, é uma ideia. Do outro lado desta ala está o corredor para o qual dão estes três quartos. Há janelas no corredor, com certeza, não?

— Sim, mas muito pequenas. Estreitas demais para que alguém possa passar por elas.

— Visto que trancavam as portas de seus quartos pelo lado de dentro, não era possível a aproximação por aquele lado. Tenha a bondade de entrar no seu quarto agora e de trancar as janelas.

Assim fez a srta. Stone, e Holmes, depois de examiná-las bem, esforçou-se por abri-las, sem resultado, pois não havia sequer uma fenda por onde se pudesse introduzir a lâmina de um canivete. Pegou a lente de aumento e examinou as dobradiças, mas eram de ferro sólido, embutido na parede.

— Hum! — disse ele coçando o queixo, perplexo. — Minha teoria apresenta algumas dificuldades. Ninguém poderia passar por estas janelas, uma vez trancadas. Bem, vamos ver se o interior nos revela qualquer pista. Uma porta estreita dava entrada a um corredor em ruínas, para onde se abriam os três quartos. Holmes recusou examinar o terceiro quarto, e assim passamos para o segundo, aquele em que a srta. Stoner dormia agora e no qual sua irmã encontrara a morte. Era simples, com teto baixo e lareira larga, conforme o costume nas casas de campo antigas. Uma cômoda acastanhada estava num canto, uma cama coberta com uma colcha branca no outro, e uma mesa de toailete do lado esquerdo da janela. Esses móveis, com mais duas cadeiras, completavam a mobília do quarto, além de um pequeno tapete ao centro. (DOYLE, 2016, pp. 411-412)

Para que haja um completo entendimento da disposição dos quartos, do corredor e dos elementos descritos na história, é interessante que o professor peça a um dos alunos que desenhe a planta da casa no quadro e que os outros alunos intervenham, dando palpites para que o desenho fique o mais fiel possível em relação à descrição feita na história.

Em seguida, deve-se pedir que os alunos respondam às seguintes questões:

- O que vocês imaginam que acontecerá a partir deste ponto do enredo?
- Já podemos perceber de onde vêm os assovios?
- Há algo contado pelo narrador que pode nos revelar alguma pista do que vai acontecer?

Quando o final nos é revelado, ou seja, quando descobrimos que a irmã de Helen havia sido morta pela cobra que seu padrasto adestrava em seu quarto e que a intenção era que Helen fosse morta da mesma forma, o professor deve pedir aos alunos que tentem explicar qual foi, exatamente, o plano de Roylto, o padrasto. Logo depois, deve-se chamar a atenção, novamente, para o desenho que foi feito no quadro relativo à planta da casa em que as personagens moravam para que os alunos tentem explicar como toda a trama se desenrolou ali dentro.

A última frase do conto deve ser lida de modo a fazer algumas reflexões:

Algumas das pancadas acertaram nele e despertaram-lhe a fúria, e por isso se lançou sobre a primeira pessoa que viu. Assim, sou indiretamente responsável pela morte do dr. Grimesby Roylott, mas não posso dizer que isso me pese muito na consciência. (DOYLE, 2016, p. 421)

Deve-se perguntar aos alunos:

- Por que você acha que Holmes diz que a morte de Roylott não vai pesar muito na sua consciência?
- Você sentiria o mesmo?
- O que isso nos revela sobre Sherlock Holmes?
- No início do conto, Watson afirma: “Talvez seja bom que os fatos agora se tornem conhecidos, porque tenho razões para pensar que há rumores a respeito da morte do dr. Grimesby Roylott que tendem a tornar o assunto mais terrível do que é na verdade” (Doyle, 2016). Tendo lido toda a história, tente explicar por que poderia haver rumores sobre a morte de Roylott.

Para finalizar, o professor deve perguntar aos alunos se algum deles havia conseguido decifrar o que aconteceu no conto. Caso algum deles tenha chegado perto, pede-se que esse aluno leia tal trecho do seu diário de leitura. Em seguida, os estudantes terão um tempo para preencherem ou alterarem a ficha relativa a esse conto.

Mais uma vez é interessante que se passe o episódio adaptado desta obra pela série Sherlock Holmes, produzida pela *Granada Television*. Atentando, desta vez, para as poucas diferenças entre os enredos.

3. Leitura compartilhada do conto *O mistério do Vale Boscombe* de Arthur Conan Doyle

Antes da leitura do conto, o professor deverá explicar que ele foi publicado no primeiro livro que reuniu contos de Sherlock Holmes, em 1892, denominado “As aventuras de Sherlock Holmes”. Antes dele, Conan Doyle já havia lançado dois romances: “Um estudo em vermelho” (1887), que já terá sido lido pelos alunos e “O sinal dos quatro” (1890).

Já no início, quando Watson, narrando mais uma aventura, diz que está casado, deve-se chamar a atenção para tal fato, fazendo com que os alunos percebam que, além das aventuras vividas pelas personagens, há também alguns aspectos pessoais relativos à vida deles. É um bom momento para perguntar se algum aluno assistiu aos filmes recentes de Sherlock Holmes, dirigidos por Guy Ritchie e estrelado por Robert Downey Junior e Jude Law. Em um deles, Watson se casa e há toda uma narrativa mostrando como Holmes, do filme, desaprova por muito tempo a união. Pode-se, neste momento, pedir que alguns alunos contem o que se lembram em relação a essa cena do filme.

Em seguida, o professor deve pedir para que os estudantes se atentem à descrição do Vale Boscombe, que integra o título do conto, e a apresentação de dois dos principais personagens:

“O vale Boscombe é um distrito rural não muito longe de Ross, no condado de Hereford. O maior proprietário da região é o Sr. John Turner, que ganhou dinheiro na Austrália e voltou há alguns anos para sua terra natal. Uma das fazendas que ele possui, a Fazenda Hatherley, estava arrendada ao Sr. Charles McCarthy, que era também um ex-australiano. Os homens haviam se conhecido nas colônias, por isso é natural que, ao deixarem de trabalhar, fossem residir perto um do outro, tanto quanto possível. Turner era o mais rico dos dois, por isso McCarthy tornara-se seu locatário, mas pareciam viver em grande harmonia, porque eram vistos frequentemente juntos. McCarthy tinha um filho, rapaz de uns dezoito anos, e Turner, uma única filha da mesma idade, mas ambos eram viúvos. Parece que evitavam a companhia das famílias inglesas das vizinhanças, levando uma vida retirada, embora os dois McCarthy gostassem de esporte e fossem vistos muitas vezes por ocasião das corridas locais. McCarthy tinha dois empregados domésticos, um homem e uma moça. A casa de Turner vivia cheia, tinha pelo menos meia dúzia de empregados. É isso o que pude verificar a respeito das famílias. (DOYLE, 2016, p. 312)

Logo após, Holmes começa a relatar os fatos que o levaram a se interessar pelo caso: o assassinato de Charles McCarthy. O principal suspeito era o filho da própria vítima, James, que já se encontrava preso pelo agente Lestrade. O crime aconteceu perto do Lago Boscombe e a vítima havia levado pancadas repetidas na cabeça.

Apesar de Watson e o agente Lestrade acharem que James é o verdadeiro culpado, Holmes tem convicção de que o caso não é tão simples assim. Sugere-se, então, abrir uma discussão por meio das seguintes perguntas:

- Por que Holmes parece não estar convencido da culpa de James McCarthy?
- Há alguma pista que faça com que pensemos o mesmo? Quais?
- Considerando sua experiência de leitura de contos de Conan Doyle, quem provavelmente está certo?
- Quais são, provavelmente, os demais suspeitos? Por quê? O que você desconfia de cada um?

Em seguida, Holmes vai até o Lago Boscombe, faz uma minuciosa investigação no local e revela a Watson tudo o que descobriu. Logo depois, John Turner procura o detetive e revela toda a história:

McCarthy, seu velho conhecido dos tempos da Austrália, passou a vida o chantageando, pois sabia de um crime que ele havia cometido e que o fizera se tornar rico. Cansado de se submeter à extorsão de seu algoz, Turner resolveu matá-lo, mas não imaginava, muito menos queria, que o filho da vítima fosse acusado do crime.

Quando os alunos tiverem terminado a leitura, o professor deverá lembrar todos os elementos importantes no conto policial:

- Elenquem todos os suspeitos.
- Quem era o verdadeiro culpado?
- Qual foi a motivação para o crime?
- O local da história teve importância para o desenrolar da trama? Por quê?
- Quais foram as pistas principais que fizeram com que Sherlock Holmes chegasse a sua conclusão final?

Logo depois deve-se pedir que os alunos façam os devidos registros na ficha relativa a esse conto e no seu diário de leitura.

Para que haja uma recapitulação do conto lido e para que os alunos percebam as nuances de uma adaptação literária a uma obra audiovisual, será exibido o episódio relativo a esse conto, produzido pela *Granada Television*.

4. Leitura compartilhada do conto *O construtor de Norwood*, de Arthur Conan Doyle

É importante, antes que a leitura se inicie, que se façam algumas considerações para que os leitores consigam compreender totalmente a obra lida. Inicialmente, deve-se informar que este conto está presente no livro “A volta de Sherlock Holmes”. Provavelmente, algum aluno questionará o título: “Por que ‘a volta?’” O professor deverá explicar, então, que Conan Doyle, cansado de ser lembrado

apenas como o escritor de Sherlock Holmes, resolveu dar fim à personagem no conto “O problema final” (é interessante sugerir aos alunos a leitura desse conto), quando, numa luta entre o detetive e seu principal inimigo, o professor Moriarty, ele despenca, junto a seu antagonista, nas águas das cataratas de Reichenbach, na Suíça. Entretanto, a comoção dos leitores foi tanta, chegando ao ponto de fazerem vigília na porta da casa do escritor, que Conan Doyle resolveu explicar que Holmes não havia morrido. Então escreveu “O cão de Bakersville” e, depois, “A volta de Sherlock Holmes”, livro que deixa explícito que o detetive mais famoso do mundo havia sobrevivido à queda. Tais informações são importantes porque lemos o seguinte no início do conto em estudo:

— Sob o ponto de vista do perito criminal, Londres tornou-se singularmente sem interesse, desde a morte do professor Moriarty — observou Sherlock Holmes.

— Duvido que encontre muitos cidadãos respeitáveis que concordem com você — repliquei.

— Bom, bom, não devo ser egoísta — disse ele com um sorriso, levantando-se da mesa após o café da manhã. — Indubitavelmente, a comunidade lucrou e ninguém perdeu, a não ser o pobre perito em assuntos criminais, que se vê sem ocupação. Com aquele homem em campo, o jornal da manhã oferecia inúmeras possibilidades. O mais leve indício, o menor rasto, bastavam geralmente para me dizer que o cérebro maligno lá estava... assim como o leve estremecer da teia nos faz lembrar a aranha que espreita no centro. Pequenos roubos, assaltos monstruosos, ultrajes propositados, tudo isso, para o homem que tinha a chave, podia ser reunido num todo. Para o estudioso do alto mundo do crime, nenhuma capital da Europa oferecia as vantagens de Londres, naquele tempo. Mas agora... — Holmes encolheu os ombros maliciosamente, criticando um estado de coisas que ele próprio ajudara a criar.

Já havia algum tempo que Holmes voltara..." (DOYLE, 2016, p. 31)

Como, provavelmente, os alunos não sabem a que se refere a palavra Norwood, presente no título, cabe ao professor explicar que se trata de um bairro antigo da cidade de Londres. Em seguida, sugerimos as seguintes perguntas:

- Quem será esse construtor?
- Será ele um suspeito ou uma vítima?

- Qual deve ser o tema deste conto?

Já no início da leitura deve-se fazer uma interrupção para pedir que os alunos façam uma análise do comportamento de Sherlock Holmes, quando ele diz que Londres transformou-se em um lugar sem interesse depois que Moriarty havia morrido. Pergunta-se:

- O que isso nos revela sobre o comportamento do detetive?
- Será que ele preferia que Moriarty tivesse sobrevivido? Por quê?

Em seguida, começamos a conhecer os estratagemas da narrativa. Após terem lido o caso que John Mcfarlane, o novo cliente de Holmes, relata, deve-se pedir que os alunos elenquem suas impressões sobre os fatos. Neste momento, os seguintes questionamentos serão feitos:

- O que vocês pensam em relação à morte de Jonas Oldacre?
- Conseguem perceber algum indício que prove a inocência de Mcfarlane? Será que ele é mesmo o culpado?
- Que pistas, provavelmente, Sherlock usará?
- O agente Lestrade agiu corretamente ao prender o suspeito?
- Pela experiência de leitura que temos dos contos de Conan Doyle, quem você acha que tem razão: Lestrade ou Holmes?

O professor deve chamar a atenção dos alunos quanto ao modo como Sherlock descobre fatos sobre Mcfarlane para demonstrar mais uma vez o poder de observação do detetive:

— ... além de notar que é solteiro, advogado, franco-maçom e asmático, nada sei a seu respeito.

Habitado como estava aos métodos de meu amigo, não me foi difícil acompanhar seu raciocínio e observar, no visitante, o descuido no traje, o monte de documentos legais, o amuleto e a respiração ofegante que tinham provocado tais deduções. Nosso cliente, no entanto, pareceu atônito. (DOYLE, 2016, p. 32)

Depois de lerem o seguinte trecho que revela uma conversa entre Oldacre e Mcfarlane: “-

Lembre-se, rapaz, nem uma palavra a seus pais até estar tudo terminado. Quero que seja uma surpresa para eles. — Insistiu nesse ponto e me fez prometer que nada contaria. (Doyle, 2016)”, os alunos devem tentar responder se há algo que possa fazer com que desconfiemos do construtor. Se sim, o quê? O que isso nos revela sobre ele?

Quando Holmes dá a seguinte explicação à Lestrade, deve-se parar novamente a leitura:

— Poderia perfeitamente apresentar uma dúzia — disse Holmes, — Aqui está uma, por exemplo, bem possível e mesmo provável. Pode ficar com ela de presente. O velho mostra documentos de evidente interesse. Um vagabundo que passa no momento vê tudo pela janela, cuja cortina está erguida até o meio. Sai o advogado; entra o vagabundo! Agarra a bengala que ali encontra, mata Oldacre e parte, após ter queimado o corpo. (DOYLE, 2016, p. 32)

Aconselhamos, então, as seguintes perguntas que poderão desencadear uma discussão:

- Será que essa é a hipótese verdadeira?
- Qual foi a verdadeira intenção de Holmes para dar essa versão? O que ele queria provar a Lestrade?

Em determinado ponto da narrativa, Sherlock mostra-se sem esperança, entretanto um novo fato aparece: Lestrade encontra a digital de Mcfarlane marcada com sangue na parede do sótão da casa de Oldacre, local que Holmes já havia investigado. Deve-se abrir os seguintes questionamentos aos alunos:

- Apesar dessa prova ser desfavorável a Mcfarlane, Holmes renova suas esperanças. Por quê será?
- Vocês conseguem perceber a ironia no seguinte trecho:
-

— Que providência o rapaz ter comprimido o polegar na parede, ao tirar o chapéu do cabide! Gesto muito natural, pensando bem — disse Holmes. (DOYLE, 2016, p. 47)

Depois, Holmes prepara uma armadilha e faz com que Jonas Oldacre saia de seu esconderijo e se revele. Em seguida, ele explica todo o caso. Pergunta-se:

- Alguém conseguiu prever o que aconteceu?
- Que pistas foram importantes para a resolução do caso?
- Vocês imaginavam que Oldacre estava vivo?
- Entenderam qual foi a razão dessa simulação?
- Por que ele queria culpar Mcfarlane?

A exibição do episódio da série Sherlock Holmes, produzida pela *Granada Television*, se faz necessária para que haja uma maior clareza em relação aos fatos narrados, além de ser uma forma de se perceber as nuances das adaptações de obras audiovisuais.

Mais uma vez, deve-se pedir que os alunos preencham tanto seu diário de leitura quanto a ficha do conto lido.

5. Leitura compartilhada do conto *Os três estudantes de Arthur Conan Doyle*

Mais uma vez o professor deve informar aos alunos a origem do conto que será lido. Ele apareceu, assim como o conto anterior, no livro “A volta de Sherlock Holmes”.

Depois que o professor Hilton Soames, cliente de Holmes nesse caso, explica todos fatos que o levaram a procurar o detetive (ele suspeitava que um de seus três alunos havia mexido em uma prova de seleção de bolsistas que até então era confidencial), deve-se interromper a leitura para que se façam os seguintes questionamentos:

- Que pistas devem ser levadas em consideração nesse caso?
- Anote aquelas que vocês acha que podem ser importantes na ficha que você recebeu.
- Quem são os suspeitos?

- Vamos reler as características dos três estudantes descritas pelo professor?

Falarei, então, sobre o caráter dos três rapazes. O do andar de baixo é Gilchrist, bom estudante e ótimo atleta; joga rúgbi e críquete pela faculdade. É um rapaz distinto, viril. Seu pai foi o célebre Sir Jabez Gilchrist, que se arruinou nas corridas de cavalos. O filho ficou muito pobre, mas é estudioso e aplicado. Fará um bom exame.

“No segundo andar mora Daulat Rãs, o indiano. É um rapaz quieto, reservado, como em geral todos os seus compatriotas. Está preparado, embora o grego seja seu ponto fraco. Rapaz firme e metódico.

“No andar de cima mora Miles McLaren. É brilhante, quando se lembra de estudar, uma das mais vivas inteligências da universidade, mas é desorganizado e sem grandes princípios. Quase foi expulso no primeiro ano por causa de um jogo de cartas. Vadiou durante todo o semestre, e creio que receia o exame de amanhã.” (DOYLE, 2016, p. 198)

- Qual deles, na sua opinião, é o mais suspeito de ter cometido o delito? Por quê?
- Apesar de o professor dizer que Bannister, o funcionário da Universidade, estava acima de qualquer suspeita, pela experiência que temos em relação à maneira de agir de Holmes, você acha que ele simplesmente aceitará tal afirmação do professor?
- E você? Investigaria o empregado? Por quê?

Em determinado ponto da história, Sherlock revela que havia resolvido o caso:

Holmes não fez mais alusão ao caso, embora tivesse ficado pensativo durante muito tempo, após nosso tardio jantar.

No dia seguinte, às oito da manhã, entrou em meu quarto, justamente quando eu acabava de me vestir.

— Bem, Watson, está na hora de irmos para a universidade. Pode passar sem seu café?

— Claro que sim.

— Soames deve estar sobre brasas, à espera de que eu lhe diga algo positivo.

— E tem alguma coisa de positivo para lhe dizer?

— Creio que sim.

— Chegou a uma conclusão?

— Sim, caro Watson. Resolvi o mistério.

— Mas que novos indícios conseguiu?

— Ah!... Não foi à toa que saí da cama a hora tão imprópria: seis da manhã! Trabalhei duramente, e caminhei pelo menos oito quilômetros. Mas o resultado valeu a pena. Olhe para isto aqui!

Holmes abriu a mão, e nela vi três torrões de terra escura.

— Mas, Holmes, ontem você só tinha dois!

— E mais um hoje de manhã. Creio que tenho um bom argumento: de onde veio o número 3, vieram também os números 1 e 2. Então, Watson?... Vamos tranquilizar o amigo Soames. (DOYLE, 2016, PP. 202-203)

Pergunta-se o seguinte aos alunos:

- Algum de vocês conseguiu, assim como Holmes, resolver o mistério?
- O que provavelmente aconteceu?
- Qual a possível explicação que podemos dar em relação aos torrões de terra?

Algumas linhas depois, o caso é revelado: Gilchrist, um dos estudantes, entrou na sala do professor

calçando seus sapatos de atletismo, que ainda possuía torrões de terra nas travas, e escondeu-se no quarto de dormir, saindo de lá sem ser visto com a ajuda de Bannister, que o protegera por pena, mas não aprovava o crime. Neste momento, o professor deve fazer os seguintes questionamentos:

- Como Holmes resolveu o caso?
- Qual foi a motivação do estudante para tentar ler as questões da prova?
- Você concorda com a atitude de Bannister? Por quê?
- Que pistas foram importantes para a resolução do crime?
- Revise sua ficha deste conto e faça as modificações que achar necessário
- e, para finalizar:
- Qual dos cinco contos lidos mais o agradou? Por quê?

ETAPA V - LEITURA COMPARTILHADA E PROTOCOLADA DO LIVRO O ENIGMA DE SANTO ANTÔNIO DO PARAIBUNA E A CRIAÇÃO DO JOGO DE TABULEIRO

O livro “O Enigma de Santo Antônio do Paraibuna” foi escolhido para compor esta etapa porque os alunos deverão substituir os locais do jogo Scotland Yard pelos principais locais da cidade de Juiz de Fora e essa obra é um romance de enigma em que o enredo se desenrola nessa mesma cidade. Sugerimos, assim, que o professor que adote esta sequência didática pesquise um livro de sua cidade para integrar esta etapa do processo. Caso a escola seja de Juiz de Fora, o escritor, que também é o autor desta sequência didática, disponibilizou a obra no seguinte sítio para download gratuito: www.oenigmadesantoantonio.blogspot.com.

Poder estar presente nos espaços onde se desenvolveu a trama faz com que o aluno se aproxime da obra em questão, criando familiaridade. A importância de se conhecer a história do local onde se vive reside na possibilidade de se perceber e se posicionar como sujeito dentro dos processos sociais. Consequentemente, a leitura e as aulas tornam-se mais atraentes.

Lançado em 2007, o livro de literatura infanto-juvenil “O enigma de Santo Antônio do Paraibuna” foi aprovado pela Lei de Incentivo Cultural Murilo Mendes, patrocinada pela prefeitura da cidade de Juiz de Fora, e conta a história de três adolescentes que encontram um manuscrito do início do século XX. O autor de tal manuscrito propõe uma aventura a seus leitores e, para isso, lança mão de pistas para que se possam desvendar enigmas que levarão a um precioso achado. Consequentemente, aos desvendarem os enigmas, os adolescentes conhecem a história cultural e econômica de Juiz de Fora - MG e percebem, assim, a importância da cidade naquela época. Desse modo, o livro é um romance de enigma com temática histórica, escrito com uma linguagem de fácil entendimento, pois seu intuito é focar no enredo.

1. Motivação

Inicialmente, o professor deve perguntar se algum aluno sabe o que significa Santo Antônio do Paraibuna. Caso não haja aluno que responda, é importante que ele explique que esse é o antigo nome da cidade de Juiz de Fora e aproveite, neste momento, para dar alguma explicação geral sobre o que será lido.

Outra estratégia de motivação, também interessante para a ativação de conhecimentos prévios, é a análise das fotos presentes na capa do livro.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

Perguntar aos alunos se eles conhecem os locais fotografados, se já foram até lá, com quem foram, o que já contaram a eles sobre o local, se conhecem a história da fundação e construção e, principalmente, fazer com que eles elaborem hipóteses do porquê de aquelas fotos estarem presentes na capa, faz com que o aluno se torne “protagonista da atividade de leitura, não só porque leem, mas porque transformam a leitura em algo seu - o que é que penso, até que ponto minha opinião é correta” (SOLÉ, 1998).

Mais uma vez, o diário de leitura deve ser utilizado. Como os alunos já têm familiaridade com o instrumento, basta lembrá-los que eles devem preenchê-lo ao final de cada capítulo.

2. Leitura compartilhada e protocolada do livro *O Enigma de Santo Antônio do Paraibuna*

Deve-se deixar claro aos alunos quais são os objetivos da leitura deste livro e qual a sua relação com o projeto: o professor deverá informar que o jogo que os alunos vão produzir terá como tabuleiro a cidade de Juiz de Fora, com seus pontos históricos, e que tal obra, além de ser mais uma oportunidade de se ler um romance de enigma, dará informações úteis sobre esse locais da cidade.

O professor deve começar as atividades de leitura a partir do título do primeiro capítulo, intitulado “Imperativo x Superlativo”. Será um momento para perguntarmos ao aluno se ele se lembra dessas palavras, o que elas significam, como se empregam verbos no Imperativo, como se forma o Superlativo e quando os usamos. Depois, parte-se para a previsão semântica:

- Por que o autor utilizou esses termos em um título?
- Por que eles estão em concorrência?
- O que será que acontece no capítulo, sabendo agora o significado dessas palavras?

Em seguida começa-se a leitura. Como o texto possui uma linguagem fácil e acessível, presume-se que os momentos de leitura compartilhada não levarão tanto tempo quanto a leitura das obras de Conan Doyle.

No primeiro capítulo, o professor chamará atenção ao livro que a personagem Júlia está lendo: *O assassinato de Roger Ackroyd*. É uma oportunidade de se apresentar a escritora inglesa Agatha Christie aos alunos.

Em seguida, prossegue-se a leitura dos capítulos dois, três e quatro. Como o enredo é simples, o professor pode apenas pedir que os alunos observem pontos importantes no que se refere à trama. Por exemplo:

- Qual eram as intenções de Paulo em relação à Júlia?
- A garota parece corresponder aos sentimentos do narrador?
- Por que você teve essa impressão?
- Que livro Paulo pegou, sem querer, na biblioteca? Quem o escreveu?
- Por que o narrador ficou tão empolgado com a obra que estava em mãos?
- Leiam o resultado que Paulo encontrou, quando pesquisou em site de buscas, o que significava Santo Antônio do Paraibuna: *“Santo Antônio do Paraibuna foi o primeiro nome da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Levava esse nome por ser Santo Antônio seu padroeiro e por ser cortada pelo Rio Paraibuna”* (CARVALHO, 2007).
- Lembram-se do que discutimos antes da leitura do livro? A informação é a mesma? Vocês sabem de mais alguma história que envolva o nome de nossa cidade? Sabem por que ela se chama Juiz de Fora?

Ao final da leitura do capítulo quatro deve-se pedir aos alunos que façam os devidos registros em seu diário de leitura. Além disso, o professor avisará que o restante do livro deverá ser lido por eles. Entregue, então, a ficha de leitura referente a esse livro, para que eles a respondam assim que o terminarem de ler. Por causa dos objetivos dessa etapa, a ficha de leitura irá priorizar o estudo dos locais da cidade de Juiz de Fora. Deve-se lembrar, mais uma vez, que não se esqueçam de registrar suas impressões e demais informações, que porventura acharem convenientes, no diário de leitura.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

Na data marcada para que entreguem a ficha de leitura, o professor deve abrir a seguinte discussão:

- Qual era a intenção do escritor do livro que Paulo encontrou, ao propor enigmas aos seus leitores?
- Como Paulo, Júlia e Renato agiram ao longo da história para conseguirem desvendar os enigmas?
- Para você, qual deles era o mais astuto na investigação?
- Existe um outro enigma que Paulo teve que desvendar: as letras J e L escritas dentro de um coração por Júlia. Ele conseguiu desvendar esse enigma? O que as letras significavam?
- Como você percebeu, o narrador é também a personagem principal do livro. Isso tem alguma importância sobre como a história é narrada? Se ela fosse contada em terceira pessoa, será que haveria diferença. Por quê?
- Pegue sua ficha de leitura. Vamos falar sobre os locais que aparecem no livro. Quais são eles? Que importância eles têm para o desenvolvimento econômico, histórico e cultural da cidade de Juiz de Fora?

3. Construção de um jogo de tabuleiro baseado nos contos de Conan Doyle e situado na cidade de Juiz de Fora

Agora é a vez de os alunos inventarem um jogo de tabuleiro narrativo. O professor deverá lembrá-los de como se joga Scotland Yard para que tenham segurança em como montar seu próprio jogo.

Em seguida, deve-se avisar aos alunos que a primeira etapa para a criação é a construção do tabuleiro. Ele deverá ser elaborado nos moldes do jogo Scotland Yard, entretanto, a cidade, ao invés de ser Londres, será Juiz de Fora. Como têm conhecimento dos pontos históricos e culturais, afinal leram o romance “O Enigma de Santo Antônio do Paraibuna” (ou outro livro que se adeque à realidade da cidade da escola em que este projeto esteja sendo aplicado), possivelmente os alunos conseguirão, facilmente, construir a peça. Esta etapa será feita em conjunto. Todos os alunos da turma darão seus palpites e, inicialmente, farão um rascunho daquilo que efetivamente será o tabuleiro.

Logo depois, a turma se dirigirá ao laboratório de informática para selecionarem fotos dos locais que serão utilizados. As melhores fotos serão escolhidas e, com a ajuda do professor de Informática, os alunos começarão a confeccionar o tabuleiro em um computador, para que depois possa ser impresso em cinco cópias. Veja um exemplo de tabuleiro de uma turma de uma escola pública federal de Juiz de Fora.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

A próxima etapa também será desenvolvida por toda a turma. O professor, funcionando como um mediador, pedirá para que os alunos desenvolvam as regras do jogo. Como a base para esse desenvolvimento é o jogo Scotland Yard, pode ser que os alunos desejem manter as mesmas regras. Entretanto, deve-se adequá-las, pelo menos, no que se refere à cidade em que a narrativa do jogo se passa.

Na próxima aula, o professor divide a turma em cinco grupos de cinco alunos cada um e sorteia os contos de Conan Doyle que foram trabalhados na Etapa IV. Cada grupo deverá ler atentamente todas as anotações realizadas, tanto no diário de leitura quanto na ficha que foi preenchida, reler o conto, caso seja necessário, elaborar a ficha do caso, estabelecer aquilo que o jogador deve descobrir (assassino, arma e motivo, por exemplo) e anotar todas as pistas que nele foram descritas. A intenção é fazer com que comecem a preparar as pistas do jogo e a pensar em que local do tabuleiro eles a incluirão. Trata-se da criação das fichas do jogo, como aquelas jogadas no começo desta sequência didática. É importante que os alunos possam adaptar o conto e as pistas, desde que mantenham a base da narrativa e obedeçam as características do gênero policial. Veja um exemplo realizado por um grupo de uma escola pública federal de Juiz de Fora.

Clique na imagem para ampliá-la e baixá-la

Em seguida, a turma retornará ao laboratório de informática para formatar as regras, o livro de pistas e as fichas dos casos, com a ajuda do professor, para que possam, posteriormente, imprimi-las.

É interessante que a própria turma faça uma caixa e os outros objetos que compõem o jogo. Para isso poderão elaborar, além do estojo, os peões, as chaves e os distintivos.

Tudo pronto! É hora de jogar. Os grupos irão trocar os casos que desenvolveram entre si. E cada um, além de jogar, fará, depois, uma avaliação do jogo:

- As pistas estão claras?
- Qual a dificuldade em se descobrir as soluções para o crime?
- Há necessidade de mudar alguma coisa? Caso haja necessidade, os alunos farão as devidas alterações para que o jogo possa funcionar de maneira adequada.

É interessante fazer com que a escola valorize o jogo criado, seja através de uma exposição de todo o trabalho feito pelos alunos durante esta jornada, seja por meio de divulgação em um jornal da escola ou da comunidade. Disponibilizar o jogo para que outras turmas o joguem também é uma forma de valorização do processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação desta sequência didática foi realizada entre os meses de maio e agosto de 2017 em um colégio público federal de Juiz de Fora - MG, em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental.

Por meio de um diagnóstico inicial, feito através de uma pesquisa, descobrimos que a maioria da turma nunca havia lido nenhum romance policial, apesar de conhecerem Sherlock Holmes por outras mídias, como cinema e séries televisivas. Descobrimos também que a maior parte dos alunos da turma lia apenas os livros de leitura obrigatória pedidos pelo colégio.

Dessa forma, propusemos-nos a introduzir os alunos na leitura do gênero policial clássico,

fazendo com que entendessem as estratégias literárias presentes nas obras lidas, mas também proporcionar a eles uma experiência literária significativa e prazerosa, que não se restringisse ao cumprimento de obrigações escolares.

Primeiramente, percebemos que houve aprendizagem de estratégias, tanto pela gradativa sofisticação das respostas relativas às fichas e questionários, como pelo sucesso na adaptação dos contos para as fichas de casos do jogo. Além disso, constatamos, através da entrega de todas as atividades e pela empolgação demonstrada pela turma, que houve uma grande aceitação do trabalho aplicado. Tanto que muitos alunos adquiriram o jogo Scotland Yard e, mais ainda, tornaram-se leitores de literatura policial, Alguns fizeram questão de levar livros do gênero que haviam acabado de comprar, como a coleção completa de Sherlock Holmes, lançada pela editora HarperCollins e de outros autores, como Agatha Christie. Entretanto, aquilo que mais cativou os alunos foi a série de TV. “Sherlock” fez tanto sucesso entre eles que não houve aluno que passou incólume à produção da BBC. Percebemos, entre outros fatos que demonstravam tal empolgação, postagens relacionadas à série nas mídias sociais de vários alunos. Outros alunos, quando a leitura compartilhada do romance “Um estudo em vermelho” e de cinco contos de Conan Doyle foi realizada, faziam questão de apontar as semelhanças e diferenças com a série. Obviamente, devido à proximidade temporal e o apelo da tecnologia, a maior apreciação em relação à série ao invés dos textos foi quase unânime. Fica claro, portanto, que a escolha de “Sherlock” como estratégia para atrair a atenção dos alunos para o gênero funcionou de forma efetiva.

Como continuação deste projeto, sugerimos uma sequência cronológica do gênero. Trabalhar, por exemplo, os romances negros e, mais tarde, autores mais contemporâneos, como Agatha Christie, que volta aos holofotes da mídia com a excelente adaptação cinematográfica de 2017 de “Assassinato no Expresso do Oriente”, além de tornar os estudantes em leitores mais sofisticados do gênero policial, trará outras possibilidades de revelar outras estratégias literárias de um dos gêneros mais populares da literatura ocidental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A study in pink. Direção: Paul McGuigan. In.: *Sherlock*. Produção: BBC. London: 2010. DVD.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CARVALHO, Pablo. *O enigma de Santo Antônio do Paraibuna*. Juiz de Fora: Funalfa, 2007.

1994.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto: 2014.

COSSON, Rildo e PAULINO, Graça. *Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola*. In: ZILBERMAN, Regina e RÖSING, Tânia M. K. (org.) *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

DOYLE, Arthur Conan. *Sherlock Holmes: obra completa*. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Teoria dos polissistemas*. Revista Translatio 4, pp. 2-21 [Marozo, Luis Fernando, Carlos Rizzon & Yanna Karlla Cunha trans.]

ISER, Wolfgang. *O repertório do texto. In O ato da leitura. Uma teoria do efeito estético*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 101 – 191.

MACHADO, Ana Raquel. *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MORIARTY, Jay. *Scotland Yard (jogo de tabuleiro)*. São Paulo: Grow, 2016.

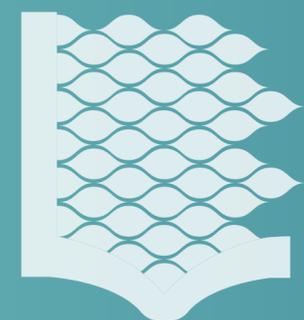
SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

The Boscombe Valley Mystery. Direção: John Hawkesworth. In.: *Sherlock Holmes*. Produção: Granada Television. London: 1991. DVD.

The Norwood Builder. Direção: John Hawkesworth. In.: *Sherlock Holmes*. Produção: Granada Television. London: 1985. DVD.

The Red-Headed League. Direção: John Hawkesworth. In.: *Sherlock Holmes*. Produção: Granada Television. London: 1985. DVD.

The Speckled Band. Direção: John Hawkesworth. In.: *Sherlock Holmes*. Produção: Granada Television. London: 1984. DVD.



PROFLETRAS